

A "INTERVENÇÃO PARTICIPATIVA DOS ATORES": UMA METODOLOGIA CONSTRUÍDA NO CONTEXTO DOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO CEARÁ

(THE "PARTICIPATIVE INTERVENTION OF THE ACTORS": A METHODOLOGY DEVELOPED ON THE SPECIFIC CONTEXT OF THE RURAL SETTLEMENTS)

ELIANE DAYSE PONTES FURTADO¹
JOSÉ RIBAMAR FURTADO DE SOUZA²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma abordagem pedagógica participativa, construída no contexto específico, de organização e estruturação dos assentamentos, como unidades produtivas, tendo os trabalhadores como sujeitos. A metodologia utilizada, pesquisa - ação, considera básicos, os elementos: (a) um coletivo de trabalho composto por assentados e técnicos do governo e do MST; (b) um levantamento conjunto da realidade: autodiagnóstico; (c) uma análise reflexiva dessa realidade; e, (d) a tomada de decisão trabalho envolve 78 técnicos e 81 assentamentos. Elaboram-se os planos de ação, e o INCRA adota a metodologia para o Ceará. Assim, a intervenção participativa dos atores, numa realidade de conflitos e interesses contraditórios, cria um ambiente propício para que técnicos e agricultores, desenvolvendo atitudes críticas, busquem a emancipação dos assentamentos.

Palavras-chave: Metodologia Participativa; Assentamentos Rurais; Pesquisa-ação

ABSTRACT

This paper aims to present a participative approach that has the rural workers as subject of the process. It was developed on a specific context of organisation of the rural settlements, as productive unity. The applied methodology, "action research", took into consideration the following issues: a) a

collective group of work, enveloping rural workers and technicians from the government and from the landless movement; b) an auto-diagnosis; c) a reflexive analysis of their reality; and, d) a collective decision-making process. The work was done by 78 technicians and rural workers from 81 land settlements. The "Plans of Action" were elaborated and the National Institute of Colonisation and Land Reform (INCRA), adopted the new methodology for the whole state of Ceará. Thus, the "Participative Intervention of the Actors", which was applied on a reality of contradicting interests, created a favourable environment for the search of the emancipation of the rural settlements through critical attitudes of the technicians and rural workers.

Keywords: Participative Methodology; Rural Settlements; Action Research

INTRODUÇÃO

As abordagens utilizadas no passado pelas organizações governamentais que lidam com as ações de desenvolvimento no espaço rural, parecem não mais funcionar. Os especialistas da Extensão Rural, por exemplo, agiam basicamente como "brokers", agentes de mudanças, que transmitiam informações aos membros de um "público-alvo". A relação de médico-paciente, reproduzia-se na relação técnico-agricultor. Até mesmo a abordagem participativa quando utilizada de forma "apressada" e de "cima para baixo", não trouxe grandes mudanças, pela for-

¹ Professora do Departamento de Estudos Especializados da FACED-UFC, Ph.D. em Educação Popular na Universidade de Manchester, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC.

² Professor Aposentado do Departamento de Economia Agrícola da UFC e Consultor do Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola - IICA, Ph.D. na Universidade de Londres.

ma como foi introduzida e trabalhada. Não se pensava que ela antes de mais nada, requeria uma mudança pessoal de postura do técnico, diante do agricultor e com o agricultor.

O discurso, na década passada, não se aplicou à prática. As mudanças na realidade não se fizeram sentir o suficiente. Daí, dizer-se que ficaram na retórica. Entretanto, as principais mudanças sugeridas, ou seja, sair da abordagem autoritária (“top-down”) para uma abordagem que partia da base (“botton-up”), da centralização para a diversidade local, da elaboração prévia e detalhada de planos para o processo de aprendizagem, hoje já são conhecidas na prática de muitas instituições, em países do terceiro mundo.

No Brasil, nos anos 90, uma nova realidade toma vulto e exige a atenção dos que trabalham na área de desenvolvimento do espaço rural: os assentamentos. Dois projetos em confronto: de um lado, o “Projeto do Governo”, Assentamentos Rurais, oficialmente chamado de Reforma Agrária, e de outro, o Projeto de Reforma Agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra-MST. O governo estimula o surgimento da pequena propriedade capitalista, através da exploração individual; e o MST tendo como referência um projeto socialista, propõe a propriedade coletiva e a organização social autônoma dos assentados. A prática tem mostrado que nessa realidade de conflitos e interesses divergentes, as abordagens de Diagnóstico e Intervenção até então utilizadas na busca da organização e estruturação dos assentamentos rurais, não têm conseguido realizar ações sustentáveis.

Neste trabalho discute-se uma abordagem e métodos pedagógicos, sintetizados no que se convencionou chamar de “Intervenção Participativa dos Atores”,³ que busca preencher essa lacuna, para que as ações no espaço rural sejam bem sucedidas e que possam encaminhar uma solução para o problema da fome e da miséria rural.

Ela tenta descobrir as causas ou soluções dos problemas de forma indutiva e vislumbra uma transformação de uma visão do saber que se apóie num discurso consciente, engajado e crítico (Barbier, 1996). Sua sistematização, deu-se como fruto de uma pesquisa-ação desenvolvida em Assentamentos Rurais do Ceará. Suas origens derivam da experiência

prévia de trabalho dos autores deste texto, ao longo de vários anos, no meio rural, em Educação Popular, em Pesquisa, na Extensão Rural e na assessoria de Projetos de Assentamentos do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará-IDACE e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA-CE e especialmente nos assentamentos onde atua o MST. Pode-se dizer, que a abordagem e métodos construíram-se como diz Chambers, “na aprendizagem da vida rural e suas condições, a partir, com e para o povo rural” (1994:1). A reflexão das experiências vividas pelos autores, foi enriquecida principalmente pelos estudos sobre o Diagnóstico Rural Participativo (Participatory Rural Appraisal-PRA) no trabalho com os agricultores, amplamente utilizado na África e na Ásia. e com algumas experiências na América Latina.

No decurso deste trabalho, trata-se dos fundamentos, origem, prática e pesquisa da Intervenção Participativa dos Atores, para em seguida apresentar a abordagem e métodos pedagógicos, onde se tenta mostrar principalmente, que ela permite aos assentados analisar seus conhecimentos sobre si mesmos, sobre suas condições de vida, levantar dados para conhecer melhor sua realidade, elaborar o planejamento de ação dos assentamentos e agir de forma consciente para transformá-la. Tudo isso, em conjunto com os técnicos que trabalham nas áreas de assentamentos, que também refletem sobre sua prática. “A participação dos pesquisadores indica um engajamento pessoal, aberto, sobre a atividade humana, visando a autonomia onde o diálogo é importante nas relações de cooperação e colaboração” (Barbier, 1996:55). A intervenção considera o gerenciamento dos recursos naturais, da agricultura, da educação, dos programas sociais, da saúde e da segurança alimentar.

FUNDAMENTOS

A Intervenção Participativa dos Atores tem seus fundamentos em várias fontes, mas suas raízes primeiras, encontram-se nas abordagens e métodos que sofreram influência do pensamento de Freire (1968), a partir da sua “Pedagogia do Oprimido”. Esta foi decisiva para a prática e experiência de “cons-

³ O termo atores, refere-se aos técnicos, agricultores e suas representações, movimentos populares, instituições e todos envolvidos nos Assentamentos Rurais do Ceará, participantes da experiência de pesquisa-ação aqui relatada.

cientização” e “participação” na América Latina, na Educação de Adultos e na Educação Popular. O trabalho de reflexão coletiva da prática, ou seja, de ação-reflexão-ação, enriquecido pelas experiências de pesquisa participante (Espeleta e Rockwell, 1989; Kassin e Musta, 1982; Rahman, 1984; Brac, 1983; Gaventa e Lewis, 1991) e pesquisa-ação (Carr e Kemmis, 1986; Costa, 1991 e Whyte, 1991), contribui com idéias importantes. Estas são sintetizadas em três pontos principais: (a) o povo é capaz de realizar suas próprias investigações, análises e planejamento; (b) o oprimido, o “pobre” é capaz de chegar ao “empowerment”⁴ e, (c) que os agentes externos podem contribuir como facilitadores.

Outras abordagens e métodos também têm sua influência: (a) estudos teóricos e a experiência com a pesquisa sistêmica (análises dos Sistemas Agrários-Tipologias dos Sistemas de Produção) (Defumier, M 1985, 1991, 1998; Mazoyer M., 1977, 1981, 1987, 1992, 1993; Capillon A. e Sebillote M., 1980, Perrot C. et Landais E., 1993, entre outros), na sistematização de métodos de investigação, compreensão e descrição para a complexidade dos sistemas agrários e agrícolas a partir do trabalho de equipe interdisciplinar (Norman D., 1975; Harwood, 1979; Shanner, Philipp and Scharnehl, 1982, entre outros); (b) os conhecimentos de Antropologia Social e a utilização de alguns de seus princípios e métodos como por exemplo, no Diagnóstico Etnográfico (Bentley et ali 1988), usando conversações, observações, entrevistas informais e abertas, histórias de vida, caminhadas sistemáticas com lideranças através da área a ser trabalhada (“transect walks”); (c) o conhecimento da Psicologia Cognitiva, a partir das idéias de Piaget (1975) sobre a evolução e funcionamento das estruturas cognitivas do sujeito, e, os estudos posteriores que deram origem ao Construtivismo (Ferrero E., Theberoski A., 1984 et Azenha, 1995), onde predomina a idéia de que o conhecimento não é dado em nenhuma instância, como algo acabado. Ele se constrói pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação

e não por dotação prévia na constituição hereditária ou do meio; (d) os estudos teóricos e a utilização do Diagnóstico Rápido Rural (Chambers, 1980) e do seu Diagnóstico Participativo Rural (Chambers, 1984; 1994; 1997), um conjunto de abordagens e métodos que levam o povo rural a compartilhar, enriquecer e analisar seu conhecimento sobre suas condições de vida, permitindo planejar e agir.

A tentativa de realizar um novo tipo de trabalho é estimulada fortemente pela afirmação de Nuñez (1993), de que “os novos desafios metodológicos nos levam à busca, adaptação ou criação de métodos e técnicas que nos permitam realizar etapas clássicas dos projetos, porém baseadas em plena, total e consciente participação, no controle e poder de decisões das ações a desenvolver, por parte dos sujeitos da ação transformadora” (Hurtado, 1993:124).

Assim, considera-se importante: (a) desenvolver uma metodologia definida, baseada no processo de construção do conhecimento; (b) o concurso de múltiplas perspectivas; (c) uma insistência na “intervenção participativa”; (d) uma metodologia delineada a partir de um contexto específico: os Assentamentos Rurais; (e) facilitar a participação de todos os atores envolvidos: técnicos, lideranças, assentados e instituições; (f) ter como objetivo a construção e implementação de ações sustentáveis.

Portanto, a metodologia implica num processo educativo onde cada um, individualmente, e todos, no coletivo, tenham claro a sua posição de sujeitos da História. Apresenta-se basicamente como uma concepção dialética, uma forma de ver a realidade de modo crítico, buscando articular num processo integral a autêntica e real participação dos envolvidos.

A INTERVENÇÃO PARTICIPATIVA DOS ATORES: A EMERGÊNCIA E A CONSTRUÇÃO

A Origem

A Intervenção Participativa dos Atores nos Assentamentos Rurais do Ceará, tem sua origem no

⁴ *Empowerment* palavra inglesa, que tem sido interpretada diferentemente por diferentes pessoas e grupos. Por um lado pode trazer à mente, massivas demonstrações do poder do povo nas ruas, clamando por mudanças. Por outro lado, este conceito hoje tem se fortalecido no sentido de significar a conscientização dos indivíduos, para ativamente tomarem decisões e ações, assumindo a responsabilidade e controle de suas vidas, saindo da resignação e subserviência, para o envolvimento ativo no processo de desenvolvimento. Assim, “o povo se torna capaz de organizar e influenciar as mudanças, com base no seu acesso ao conhecimento, a participação nos processos político, financeiro, social e utilização dos recursos naturais”, Thomas-Slyter, 1995). Ele é visto, como meio e fim, porque é essencial para que se tenham instituições democráticas e para que a própria democracia seja sustentável.

trabalho de assessoria e acompanhamento, aos Projetos de Assentamento, estadual e federal, principalmente onde o MST atua. Foge inteiramente dos procedimentos tradicionais, adotados pelos órgãos oficiais de desenvolvimento, principalmente porque busca atender aos questionamentos levantados pelos técnicos e pelos próprios assentados, de que todos os esforços despendidos até então, pelos técnicos, não apresentam os resultados esperados.

Um seminário no INCRA (1993), onde esses problemas são discutidos e sistematizados, suscita uma série de encontros de capacitação que congrega técnicos da Cooperativa Central dos Assentamentos de Reforma Agrária do Ceará -CCA/MST e as lideranças deste, e das instituições oficiais: INCRA, IDACE, Secretaria de Agricultura - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará - EMATERCE. A metodologia desenvolve-se a partir do trabalho conjunto de técnicos e assentados, realizado nos últimos cinco anos. Os registros, detalhados, estão sintetizados em relatórios elaborados pelos técnicos e agricultores, em primeira instância, nos próprios encontros iniciais -nas oficinas⁵ - e sistematizados pelos pesquisadores responsáveis pelo trabalho. Ao longo do percurso, formaliza-se um projeto de pesquisa-ação ou pesquisa-intervenção, como se prefere chamar, que permite a construção e sistematização da metodologia, a partir da prática nos assentamentos e dos encontros de reflexão sobre a mesma.

Reconhecendo os limites históricos e institucionais das práticas desenvolvidas pelas instituições governamentais - Extensão Rural e Assistência Técnica - e os órgãos de terra (INCRA e IDACE)-, a reflexão sobre estas práticas e o processo de teorização levam a uma sistematização que busca marcar um rumo metodológico que conduza a um processo transformador.

Formam-se grupos de técnicos que têm sua primeira preparação em oficinas organizadas separadamente, ou seja, os técnicos do INCRA, os do MST e suas lideranças e os do IDACE, cada um por seu turno. Na seqüência, parte-se para as oficinas conjuntas: de reflexão da prática de campo que até então

estes técnicos vêm desenvolvendo; de estudos teóricos; e de confronto entre a teoria e a prática. Em todas as oficinas são utilizadas técnicas e dinâmicas que os considera sujeitos da ação e objetivam também, sua utilização nos futuros encontros e atividades nos assentamentos, quando da preparação dos assentados para a fase de pesquisa. Participam inicialmente 49 técnicos, sendo 22 do INCRA, 9 do IDACE e 18 do MST.

Feita essa preparação inicial, são levantados dados secundários gerais, junto às instituições, promovem-se vários encontros com os dirigentes do MST e as lideranças dos assentamentos selecionados, e começa-se o trabalho de campo. São envolvidos no início, 35 assentamentos, sendo os técnicos distribuídos em equipes, conforme sua vinculação, ou seja, INCRA, IDACE ou CCA/MST. O trabalho com os técnicos do INCRA não se concretiza de forma oficial, juntamente com as outras instituições, naquele momento, pela ausência de apoio oficial à continuidade do trabalho, dentro da abordagem proposta. Apenas alguns técnicos que se mostram convictos, passam a desenvolver na medida do possível suas atividades isoladas, reunindo-se por seu próprio interesse.

As outras instituições, CCA/MST e IDACE, iniciam em seguida (1994 e 1995, respectivamente), o trabalho sistemático nos Assentamentos, observando as etapas sugeridas pela metodologia, mas seguindo seus próprios passos. Esta fase culmina com a elaboração dos Planos de Ação em 22 Assentamentos, no final de 1997. A partir deste momento, estas instituições adotam a Intervenção Participativa dos Atores, como rotina de trabalho nas suas ações voltadas aos Assentamentos Rurais. O INCRA através do projeto LUMIAR,⁶ decide finalmente em 1997, abraçar a metodologia, no trabalho cotidiano dos Assentamentos. Atualmente (março/98) existem 75 técnicos (CCAIMST, INCRA e IDACE) atuando em 59 assentamentos, estaduais e federais e envolvendo 4.277 famílias.

Em todo o decorrer da experiência, tenta-se superar os aspectos meramente fonativos e de

⁵ Encontros de trabalho participativo, onde a abordagem pedagógica dos conteúdos e os procedimentos operacionais têm como paradigma metodológico, a construção coletiva do conhecimento.

⁶ Programa do governo federal, coordenado pelo INCRA, para atuar nos assentamentos do país, que compreende os projetos: Gestão de Crédito; Assistência Técnica e Capacitação; Infra-estrutura e Serviços Sociais; Infra-estrutura Produtiva; Informação e Comunicação; Sistemas Agrários e Mercado; meio Ambiente. Na concepção do LUMIAR, os serviços de assistência técnica são contratados pelas associações dos próprios assentados, junto a órgãos públicos ou privados, com técnicos credenciados (INCRA, 1997).

capacitação que, sem dúvida, estiveram em jogo, transformando-se num momento privilegiado de investigação, de reflexão crítica e sistemática sobre a realidade. Isso se dá no sentido de fazer com que os técnicos estejam conscientes do seu papel crítico e atuante inserido no contexto, e que os trabalhadores possam sentir-se como agentes de sua própria emancipação.

Daí, ter-se ao longo da pesquisa, optado por estruturar uma metodologia participativa de intervenção na realidade que pretende apontar caminhos àqueles envolvidos na gestão dos assentamentos a encontrar respostas por eles próprios. Objetiva formar um grupo capaz de analisar a organização social do sistema no qual está inserido e promover mudanças positivas, criar novos instrumentos de conhecimento, organização e ação sobre a realidade na qual vivem. Dessa forma, funda-se na crença de que é imprescindível um trabalho conjunto e participativo de técnicos, lideranças, deles próprios e suas organizações. Resumindo, considera como básicos os seguintes elementos: (a) um coletivo de trabalho composto por técnicos e assentados; (b) um levantamento conjunto da realidade: autodiagnóstico; (c) uma análise reflexiva da realidade: ação-reflexão-ação e, (d) a tomada coletiva de decisão.

A ação conjunta entre os atores com diferentes visões de mundo, combinada com diferentes perspectivas analíticas e as dinâmicas de grupos, propiciada pela *metodologia*, age como a mola do processo de aprendizagem à medida que o grupo busca a compreensão dos seus problemas para atuar sobre eles de diferentes modos. //

A Abordagem e os Métodos Pedagógicos

A abordagem e os métodos pedagógicos aqui delineados, proporcionam a conscientização e compreensão da própria realidade dos técnicos e dos assentados e ajudam a desenvolver o sentido da busca de transformação dessa realidade. As interações oferecidas aos membros do grupo ao desenvolver a Intervenção Participativa na forma de investigação sobre a realidade, ajudam a transformar as pessoas envolvidas ou mesmo as organizações, em um grupo

com perspectivas e objetivos comuns, com tarefas e responsabilidades definidas no coletivo. A troca de experiências, idéias e conhecimentos entre técnico e assentado, dá-se num clima de respeito mútuo, de forma que, dependendo de suas experiências e dos temas tratados, um ou outro terá uma maior ou menor participação na relação dialógica. Então se estabelece o compromisso que resulta do trabalho conjunto e do desejo de agir sobre a realidade, o que constitui a base para a implementação das ações de mudanças.

Implica portanto, numa mudança das atitudes tradicionais características dos técnicos: de dominadora para construtivista, de fechada para aberta, de individual para grupal, de verbal para visual, de preocupação única com o mensurável, para a preocupação em oferecer possibilidades de comparação, *também*.

As técnicas e dinâmicas de grupo utilizadas ajudam a estabelecer a comunicação e a cooperação para descobrir a realidade, levantar e priorizar os problemas e formular ações conjuntas, “realistas” e possíveis de serem implementadas com sustentabilidade. É crucial que exista: (a) cooperação entre os vários atores envolvidos; (b) comunicação efetiva no trabalho interno ao assentamento e na relação com as instituições envolvidas; (c) transparência e concordância entre os diferentes atores quanto aos interesses e objetivos a perseguir; (d) um grau de divisão e coordenação de tarefas de modo que todos no grupo tenham conhecimento das ações e persigam a mesma meta.

É importante lembrar, como dizem Salomon e Engel (1997), que em muitas situações de Desenvolvimento Local,⁷ é preciso tempo para que os atores cheguem à compreensão entre si, e da mutualidade de seus interesses: trabalhar juntos, concordar e discordar, chegar a planos comuns e possíveis de se viabilizar, consultar outras pessoas ou instituições e se comprometerem com a ação. Por essa razão é oferecida uma variedade de técnicas educativas, dinâmicas de grupo, atividades concretas para obter informações sobre idéias relevantes ou eventos, organizá-las e interpretá-las. Tudo isso propicia direcionamentos e a criação de novas técnicas, dinâmicas e atividades, permitindo aprofundar a análise

⁷ Abordagem que permite aos atores locais se organizarem no sentido de valorizar e otimizar os recursos locais na defesa das influências externas (outros mercados, por exemplo) que causam dependências. O ambiente, a cultura, a parceria e a dinâmica social, são os motores deste desenvolvimento e o combustível é uma microeconomia, que tem como objetivo a economia por produto e não por cadeias (Complexos Agroindustriais) e de troca, no interior do município em direção à região e países. (Roux, B. e Gueffaoui, D., 1997)

mulheres, os jovens e idosos; realizar conversas informais, visitas às famílias, fazer perguntas diretas sobre as coisas relevantes do assentamento, a diferentes pessoas, e fazer entrevistas grupais; elaborar códigos de conduta e interação: o grupo combina normas de comportamento e ação, modos de interação, formação de grupos e pares, autocrítica, *ajuda mútua*, como se comportar no trabalho de campo, nas apresentações, entre outras; representar situações: através do teatro, os grupos tentam expressar suas idéias ou informações. Quando possível recorrer ao teatro do oprimido, de Boal⁹; **III** - Preparar o grupo para que as informações coletadas sejam expressas tal como foram colhidas, evitando ao máximo a interferência de opiniões pessoais; destacar a importância de, ao final de cada dia, reunir o grupo para avaliar como foi o trabalho e corrigir possíveis erros; **IV** - Fazer o levantamento e priorização dos problemas, tendo os assentados como investigadores de sua própria realidade -homens, mulheres e jovens; professores, técnicos, agentes de saúde e todos envolvidos com o assentamento; decidir onde e como colher as informações e como registrá-las. Dividem-se os grupos para o conhecimento do assentamento, lançando mão de diferentes métodos e técnicas: **a**) conversas informais, entrevistas, questionários, relato verbal, história de vida, discussões em grupo e reuniões; **b**) mapeamento participativo e modelagem: os assentados elaboram mapas, desenhando e colorindo, colando, usando palitos, sementes, pedras em folhas de papel ou no próprio chão. Isto para representar em forma de mapas ou maquetes, não só o assentamento como um todo, e/ou particularmente os seus recursos naturais, as benfeitorias, a agrovila, a escola e outros; **c**) elaboração de calendários: distribuição dos dias de chuvas, quantidade de chuva, umidade do solo, culturas (plantio, tratamentos culturais, colheita), outras atividades agrícolas e não agrícolas, saúde humana, consumo de alimentos, preços, manejo animal, receita e despesa, pagamentos, festividades, entre outros; **d**) estimativas, comparações e contagens: muitas vezes usando medidas lo-

cais, julgamentos e materiais como sementes, frutas, pedras, gravetos e outros, por vezes combinadas com mapas e modelos elaborados; **e**) linha do tempo, tendências e análise de mudanças; **f**) Leitura de Paisagem, para permitir uma visão global do assentamento: escolher um ponto estratégico de onde se visualize a propriedade como um todo, fazer observações, analisá-las e representá-las; **g**) "Transect Walks" - caminhadas sistemáticas com algumas pessoas informantes-chaves, na área do assentamento, observando, perguntando, ouvindo, discutindo, tentando conhecer sua cultura e identificando diferentes zonas, tecnologias próprias, levantando problemas, buscando soluções, descobrindo oportunidades, mapeando ou diagramando os recursos e "achados"; **V** - Ordenar as informações obtidas; colocam-se juntas as informações sobre um mesmo tema e depois se estabelece relações entre elas. Utilizar o método da "Tabela Cruzada" (cruzar as informações), para uma verificação das mesmas, promover reuniões grupais, coordenadas pelos técnicos; **VI** - Socializar as informações a toda a comunidade, transmitindo-as através de diferentes métodos e técnicas, para prosseguir com a reflexão sobre a realidade. Como por exemplo, cartaz mural, diagrama, sociodrama, teatro bonecos, audiovisuais, maquetes, mapas e outros; **VII** - Definir com clareza e precisão os problemas que interessam conhecer e agir de imediato e limitá-los a seus aspectos fundamentais. As discussões em grupos e as assembleias ajudam a encontrar esta definição; **VIII** -Relacionar os problemas com a teoria, para buscar os elementos que ajudem a entendê-los melhor, permitindo uma interpretação da realidade e aumentando o conhecimento sobre ela. Trabalhar alguns textos teóricos, de diferentes formas, usando diferentes métodos e diferentes dinâmicas de grupo: expressar o conteúdo das idéias através do teatro, do sociodrama, de representações gráficas, da apresentação oral, entre outros; **IX** - Dar um objetivo ao que se quer conhecer das possíveis soluções dos problemas, isto é, esclarecer o que interessa saber sobre os problemas e que ainda não é conhecido, quais suas

⁹ Teatro interativo em que um pequeno grupo inicia a representação sobre um tema combinado, da realidade que os oprime, e convida a "platéia" para interagir e dar continuidade à representação (Boal, Augusto - Le Théâtre de L'Opprimé. La Decouverte, 1996).

¹⁰ Em todas as etapas do trabalho insiste-se na participação dos técnicos e assentados, porém aqui, os primeiros desempenham um papel de relevância, devido serem possuidores do conhecimento elaborado (científico). Para isso, eles devem estar capacitados a trabalhar com o conhecimento do agricultor "Indigenous Knowledge" (Brokensba, D.; Warren, D.M.e Werner, O., 1980) respeitando-o e introduzindo o conhecimento técnico onde ele se aplica e quando for necessário. Deve-se cuidar para que não se adote postura autoritária e não se estabeleça uma relação de dependência, característica das abordagens tradicionais. Lembrar que aqui, o agricultor é sujeito-investigador das ações.

causas, os efeitos e o que fazer para resolvê-los, no contexto em que está inserido. Fazem-se suposições, formulam-se as hipóteses; X - Identificar claramente que tipo de informação é necessária obter-se para provar que os problemas existem exatamente como foram delineados pelo grupo; XI - Definir qual a forma lógica de conseguir as informações complementares, delimitando o universo de conhecimento e a unidade de estudo e decidir como trabalhar com os dados; XII - Interpretar a realidade com base nas informações obtidas. Busca-se explicar o “porquê” dos problemas estudados. Examina-se a contribuição da teoria para interpretação da realidade e buscam-se os dados colhidos à luz da teoria, para encontrar o caminho da ação.

A cada etapa vencida faz-se uma análise minuciosa sobre o processo desenvolvido e os resultados alcançados, levando em conta as críticas, sugestões e dúvidas colocadas para que assim se feche o ciclo de avaliação progressiva.

À medida que se define no grupo que ações desenvolver, vai-se definindo uma programação clara. O “Plano de Ação” é assim elaborado a partir do que se conhece da realidade e do que se espera conseguir realizar. Dessa forma, tendo claros os objetivos, é necessário um planejamento, ou seja: 1) pensar nas tarefas ou atividades para atingi-los; 2) descobrir as alternativas ou formas de solucionar os problemas; 3) analisar as possibilidades; 4) priorizá-las; 5) escolher as alternativas mais convenientes; 6) definir de maneira concreta as metas; e, 7) elaborar cronograma de atividades, identificando os responsáveis para realizá-las, o que é necessário para tal, e a época (quem vai fazer, o quê, como e quando).

Estas etapas servem como guia. Em algumas situações elas são modificadas ou adaptadas conforme a necessidade e o contexto na qual se desenvolvem. Vários métodos são utilizados tendo em vista o grande número de pessoas que não sabem ler nem escrever. Em todas as ocasiões, cuida-se para que o ambiente seja de construção social. Insiste-se bastante nesse ponto, especialmente nos primeiros encontros, quando se recorre às práticas de interação-dinâmicas de grupos, no sentido de desenvolver comportamentos sociais que viabilizem a construção coletiva. Exercícios de reflexão, sensibilização e transmissão de energia são importantes para estabelecer uma “atmosfera cultural de cooperação” e uma

cumplicidade entre os participantes. Por isso, estes encontros são chamados de “oficinas”. Os registros e a sistematização das idéias dos participantes se dão de maneira simples, sempre que possível, através da “visualização móvel”, instrumento metodológico do Metaplan.¹¹

Então, pode-se dizer que a abordagem pedagógica dos conteúdos e os procedimentos operacionais adotados, têm sempre em mente a característica de “um amplo processo de consulta-confronto entre os diversos interesses envolvidos”.

OS ATORES E A PEDAGOGIA: LIÇÕES DOS ASSENTAMENTOS CEARENSES

A partir do que aqui foi exposto, vê-se que a implantação e o desenvolvimento da Intervenção Participativa, envolve técnicos e assentados num amplo processo que exige compreensão e interação de todos os tipos e em todos os níveis. Usando as palavras de Chainbers et ali (1989:2), “inclui o relacionamento social, troca de idéias e informações, ligações entre pessoas, e, a dimensão institucional”. Leva em consideração as interações entre técnicos e trabalhadores, entre homens e mulheres, entre o conhecimento científico e o popular. Não se limita a seguir estágios cronológicos estanques e seqüenciais. Conforme um dos relatórios do trabalho, “utiliza algumas técnicas educativas e dinâmicas de grupo conhecidamente usadas, algumas criadas, outras adaptadas, e, de estudos de textos teóricos, segundo as comunidades, no sentido de estruturar essa integração. Deixa de lado ao máximo possível, instrumentais metodológicos convencionais e autoritários” (Furtado, Furtado de Souza e Castro, 1996:2).

Por isso, os “Planos de Ação” dos Assentamentos, o produto final, “oficial”, exigido para a atuação na realidade agrícola e rural dos mesmos, na organização da produção e do próprio assentamento como um todo, são elaborados com a plena participação e integração entre técnicos e assentados. Isso oferece a possibilidade de que eles serão consultados, manuseados ao longo do trabalho cotidiano de todos os envolvidos na gestão dos assentamentos e alterados sempre que a necessidade exigir. Abre horizontes para a conquista da autogestão e conseqüente emancipação dessas explorações, na perspectiva do Desenvolvimento Local.

¹¹ Metodologia participativa, desenvolvida por uma empresa de consultoria denominada Metaplan GmbH. Vide o livro: KLAUSMEYER, A. e RAMALHO, L.(org.) - *Introdução a Metodologias Participativas* (Sactes/ded ABONG, Recife, 1995).

Além disso, os registros e os “Planos de Ação” elaborados propiciam: (a) tipificar e caracterizar os sistemas de produção agrícola; (b) conhecer a lógica da agricultura explorada e sua sustentabilidade; (c) identificar as relações sociais de trabalho; (d) tomar ciência da repercussão das políticas públicas nos assentamentos; (e) caracterizar a organização social e política; (f) estudar a questão da produção e mercados (comercialização), autoconsumo e venda de seus produtos, agregando valores (agroindústria, por exemplo), como estratégia de segurança alimentar.

Pelas análises qualitativas realizadas, pode-se afirmar que a Intervenção Participativa tem ajudado aos assentados a atuarem sobre a realidade dos assentamentos de forma consciente. De posse dos “Planos de Ação”, elaborados por eles próprios, são capazes de realizar com segurança, as tarefas do seu cotidiano, elaborar projetos e discutir as questões de financiamento como os bancos, por exemplo.

Por outro lado, são agora capazes de identificar entre aqueles que atuam no espaço agrário, que tipo de intervenção é adequada à sua realidade. Agora sabem que precisam ser os “atores”, verdadeiros “sujeitos da ação”, e, que a relação de respeito mútuo é imprescindível entre os que vivem e os que não vivem no rural. A pedagogia e os métodos utilizados podem ser ajustados e construídos ao longo da experiência. As ações não podem ser preestabelecidas ou preconcebidas de forma autoritária, da mesma forma que não podem ser improvisadas, surgirem ao acaso.

Ainda é importante que se ressalte que, mesmo que as condições políticas sejam mínimas para as mudanças pretendidas pelos agricultores, a Intervenção Participativa permite atuar sobre a realidade, como é possível naquele momento, tendo em perspectiva os objetivos mais amplos que se quer atingir. Melhor explicitando, mesmo participando de um programa de assentamentos rurais, chamado de “Reforma Agrária”, a Intervenção Participativa cria um ambiente propício para que os trabalhadores, desen-

volvendo atitudes críticas, exerçam a cidadania, emancipem-se econômica, social e politicamente, com vistas à Reforma Agrária que eles desejam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZENHA, M. da G. - *Construtivismo de Piaget a Emilia Ferrero*. São Paulo: Ática, 1995.
- BARBIER, Rent - *La Recherche Action*. Paris: Ed. Economica, 1996.
- BROKENSHA, D. W.; WARREN, D. M. e WERNER, O. - *Indigenous Knowledge Systems and Development*, Lanham; M.D. USA: University Press of America, 1980.
- CARR, W e KEMM, S. - *Becoming Critical: education, knowledge and action research*. Falmer Press, 1986.
- CHAMBERS, R. et all. (eds.) - *Farmer First: farmer innovation and agricultural research*. London: Intermediate Technology, 1989.
- CHAMBERS, R.- *The Origins and Practice of Participatory Rural Appraisal*. UK, *World Development*, Vol. 22, N° 7, p. 953-969, 1994.
- ENGEL, P.G.H. E SALOMON, M.L. - *Facilitating Innovation for Development*. The Netherlands Royal Tropical Institute, 1997.
- EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. - *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.
- FREIRE, P. - *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FURTADO DE SOUZA, J.R. E FURTADO, E.D.P - *Relatório de Consultoria ao INCRA*. Fortaleza, 1994.
- FURTADO DE SOUZA, J.R. ; FURTADO, E.D.P e CASTRO, M.A.V. - *Relatório de Consultoria ao IDACE*. Fortaleza, 1996.
- HURTADO, C. N. - *Educar para Transformar, Transformar para Educar*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MARBAN, J.S. e SOTELO, S.S. - *Autodiagnóstico: guia para o conhecimento da realidade*. México: Impressões Populares de SEPAC, 1981.
- PIAGET, J. - *L'Equilibration des Structures Cognitives*. Paris: PUF, 1975.

PP